

ARQUITECTURA e VIDA

Fevereiro 2002 ■ € 2,5

HESTNES FERREIRA

REGRA, MODELO
E EXPRESSÃO

Guimarães e Douro Vinhateiro
Caminhos para o reconhecimento mundial

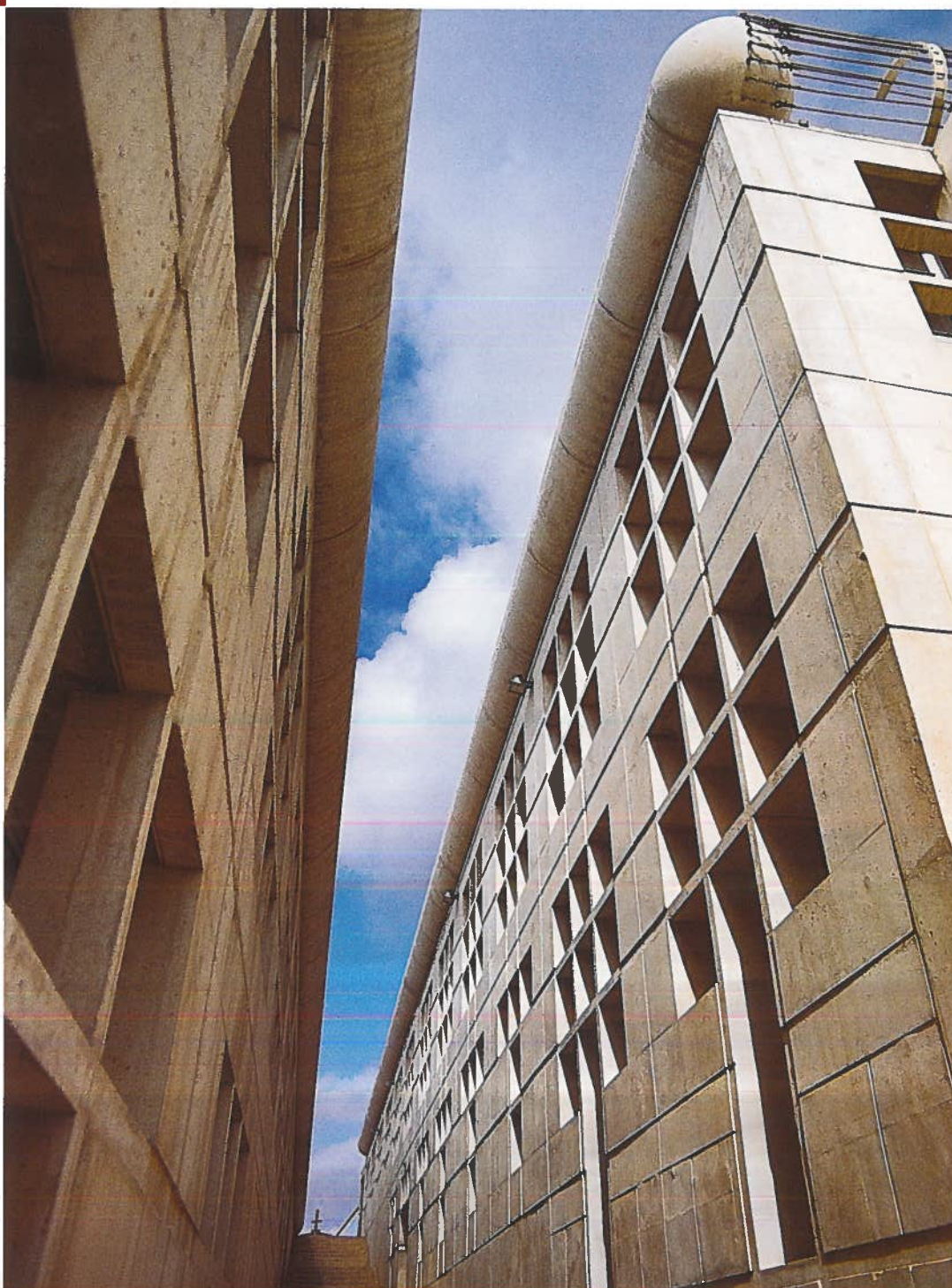
património

Escola do Reino de Venilale, Timor
Compromissos num edifício colonial

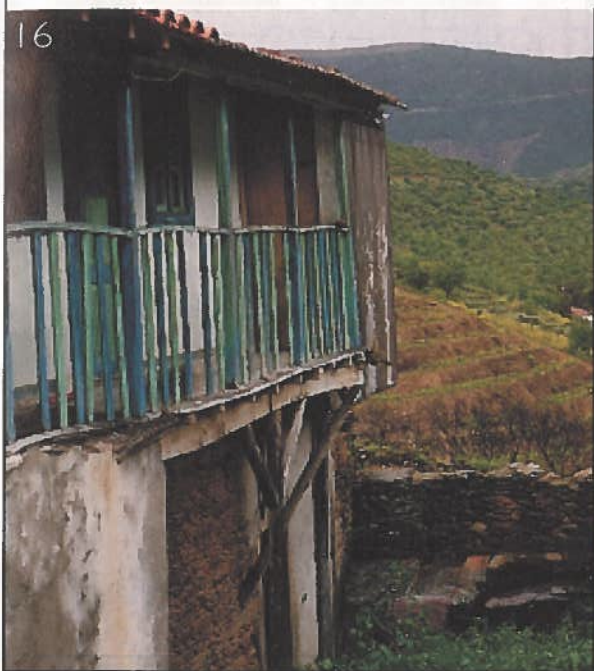
reabilitação

Funiculares
Décadas a trepar por cabo

engenharia



16



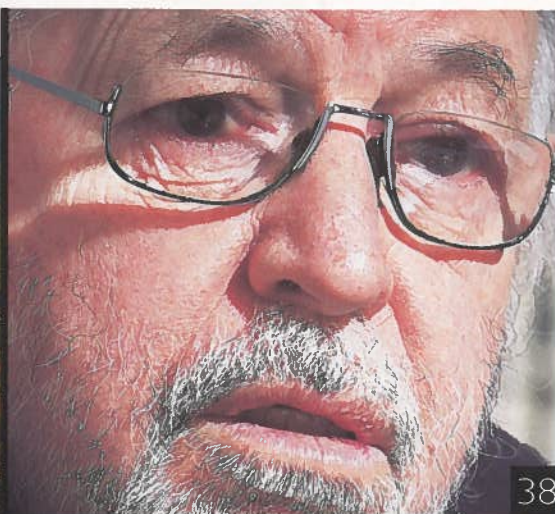
22

16 PATRIMÓNIO

Ainda na "ressaca" da celebração de Guimarães e do Alto Douro Vinhateiro como patrimónios da Humanidade, surge a notícia de que, a partir de agora, cada Estado só poderá apresentar uma candidatura anual à lista da UNESCO. Assim sendo, ainda mais histórica se torna esta consagração, pois representa um feito que jamais se repetirá. Neste artigo, traçamos o percurso das duas candidaturas internacionais destes lugares de excepção

22 REABILITAÇÃO

A reabilitação da Escola do Reino de Venilale foi pretexto para, em Timor Leste, nascer a primeira escola que integra novos sistemas de informatização. A intervenção manteve a estrutura espacial do edifício, mas imprimiu uma nova dinâmica ao interior, apropriada aos novos usos. Nesta reabilitação procurou-se um equilíbrio entre as cedências e primazias de cada um dos modelos culturais, que se apoiam em estruturas políticas, sociais e económicas distintas



38



78

38 ENTREVISTA

O arquitecto Hestnes Ferreira aglutina experiências de forte expressão tectónica, que conjugam as técnicas populares, a racionalidade kahniana e o expressionismo nórdico. Admite que em Portugal se estejam a polarizar as referências em determinadas personalidades, adiantando ele próprio ouvir "opiniões de pessoas do Norte que estão um pouco apreensivas com certo tipo de tipologias, que invadem praticamente toda a arquitectura"

78 ENGENHARIA

Considerados como o meio de transporte público mais indicado para ligar dois locais separados por uma forte inclinação, os funiculares existem em Portugal desde 1882, estando ainda em funcionamento seis, construídos entre o final do século XIX e o início do século XX. Volvidos quase oitenta anos sobre a entrada em serviço do último transporte do género em Portugal, surgem mais dois funiculares: o dos Guindais, no Porto, e o SATU de Oeiras

- 4 – Editorial
- 6 – Correio do leitor
- 8 – Notícias
- 12 – No estirador
- 14 – Caso do mês

PATRIMÓNIO

- 16 – Guimarães e Douro Vinhateiro

REABILITAÇÃO

- 22 – Escola do Reino de Venilale, Timor Leste

URBANISMO

- 28 – A nova cidade prisioneira – parte II

RETRATO

- 34 – Luigi Moretti

ENTREVISTA

- 38 – Hestnes Ferreira

ARQUITECTURA

- 47 – Introdução
- Projectos
- 48 – Museu Marítimo de Ílhavo
- 54 – Centro Multiusos de Guimarães
- 60 – Escola da Fronteira, Belas

ARQUITECTURA PAISAGISTA

- 66 – Projectos para espaços públicos e privados

Análise

- 72 – Notas sobre as imagens arquitectónicas do século XX – parte IV

ARQUITECTURA MILITAR

- 76 – Castelo de Lapela

ENGENHARIA

- 78 – Funiculares

DESIGN

- 84 – Cabinas telefónicas

88 – CAD

- 90 – Novidades
- 92 – Exposições
- 94 – Livros
- 95 – Internet
- 96 – Mercado
- 98 – Recortes



Espaços exteriores da Unicer (projecto de 1991);
autoria: Paulo Farinha Marques, Teresa Portela Marques e Laura Roldão Costa

Espaços (à)parte

O artigo mostra alguns aspectos do percurso de um grupo de arquitectos paisagistas sedado no Porto. Os trabalhos retratados seguiram diferentes destinos: uns continuaram a viver e a evoluir, de acordo com o projecto inicial, outros alteraram-se, estando em qualquer um desses estádios de degradação, que nos lembram como as obras desta natureza podem revelar uma fragilidade e efemeridade enervantes

Texto de **Paulo Farinha Marques** arquitecto paisagista *
e fotos de **Paulo Farinha Marques, Laura Costa e Dulce Gonçalves**

MUITOS ESPAÇOS EXTERIORES EM PORTUGAL são ainda espaços à parte, pois são escassas as obras que, neste âmbito, integram e articulam os componentes principais da paisagem para obter um conjunto coerente, adequado ao lugar e com interesse social, ecológico e estético. Desenhar com espaço, vegetação, relevo, água e inertes para construir sistemas ou objectos vivos, dinâmicos e perecíveis é um desafio estimulante e difícil. É desenhar com sol, sombra, vento e chuva; é desenhar com solos, rochas, securas e encharcamentos; é desenhar com

trevos, choupos, tulpeiros e loendros. É, enfim, desenhar com sonhos, metáforas e fábulas, coisas que não se sabe bem se existem ou não.

O texto aqui apresentado mostra alguns aspectos do percurso de um grupo de arquitectos paisagistas sedado no Porto, que, durante dez anos, desenvolveu projectos para espaços públicos e privados. Estes trabalhos assumiram abordagens e metodologias sistémicas que permitiram responder aos programas e propor intervenções que usam e respeitam os lugares, gerando espaços multifuncionais e viáveis.



*Jardim público da urbanização Lar do Trabalhador, Leça da Palmeira, Matosinhos (projecto de 1992);
autoria: Paulo Farinha Marques e Teresa Portela Marques*



*Espaços exteriores da urbanização
Cidade Cooperativa da Prelada, Porto (projecto de 1993);
autoria: Paulo Farinha Marques, Teresa Portela Marques e Laura Roldão Costa*

Os exemplos seleccionados correspondem a alguns dos projectos realizados, disponíveis em fotografia ou diapositivo, cujo resultado perdeu até ao momento da fixação da imagem. Já depois destas fotos, as obras retratadas seguiram diferentes destinos: umas continuaram a viver e a evoluir, de acordo com o projecto inicial, outras alteraram-se, estando em qualquer um desses estádios de degradação, que nos lembram como as obras desta natureza podem revelar uma fragilidade e efemeridade enervantes.

Nos casos apresentados, e independentemente dos programas equacionados, foi o trabalho do espaço a prioridade em cada abordagem. A sua organização e desenho foram desenvolvidos de acordo com os princípios básicos do funcionamento dos sistemas vivos e da relação e expectativas que o Homem com eles estabelece. Assim, as soluções foram orientadas de maneira a maximizar a amplitude do espaço e a torná-lo afirmativo no contexto em que se insere, de modo a que a intervenção constituísse uma mais-valia paisagística clara, que convidasse à evasão, à contemplação e à fruição satisfatória do mundo vivo. Sempre que possível, privilegiou-se a continuidade entre o interior edificado e o espaço exterior, perseguindo-se o paradigma modernista.

A maioria dos projectos aqui expostos adoptou o modelo paisagístico clareira-orla. Este modelo assenta na articulação de duas unidades estruturantes, as quais, independentemente do seu desenho, estabelecem uma matriz espacial favorável ao Homem e aos outros componentes do ecossistema, potenciando uma elevada diversidade de usos, espécies e sensações.

A matriz clareira-orla permite ensaiar uma composição de contraste entre zonas abertas (clareiras), e zonas fechadas ou de volume (orlas), conduzindo à obtenção de equilíbrios e tensões entre abertura e clausura, favoráveis a uma experiência estimulante do espaço exterior.

As clareiras são unidades de espaço abertos, que criam oportunidades de actividade, de movimento e de expansão visual. Definem zonas de cultivo, de encontro, de brincadeira, de jogo e de festa. As orlas são unidades de volume e compartimentação, com potencial para estimular a diversidade biológica e sensorial. São projectadas para constituir barreiras, remates, volumes, *habitats* e estabelecer contrastes formais, cromáticos e texturais entre os seus elementos constituintes e os elementos adjacentes. O dinamismo sazonal da vegetação e a clausura selectiva estabelecida pelas orlas provocam no utilizador sensações mistas de curiosidade, protecção e surpresa, que atraem a atenção e despertam os sentidos.

*Jardim privado, Golegã
(projecto de 1994); autoria: Paulo Farinha Marques*



*Espaços exteriores de Cablinal, Viana do Castelo
(projecto de 1995); autoria: Laura Roldão Costa*





*Espaços exteriores da Casa do Médico, Porto
(projecto de 1995); autoria: Paulo Farinha Marques,
com colaboração de Cristina Marques*



*Espaços verdes da urbanização Sache-Aldoar, Porto
(projecto de 1996); autoria: Paulo Farinha Marques*



*Integração paisagística do parque eólico da serra das Meadas, Lamego
(projecto de 1996); autoria: Dulce Gonçalves*

Com tipologia de clareira-orla salientam-se os projectos da Unicer, Lar do Trabalhador, Prelada, Sache-Aldoar, Ronfos e jardins particulares no Porto e na Golegã.

Com a tipologia de grandes clareiras apresentam-se Ofir e serra das Meadas. A primeira, vasta e ampla, é fortemente vocacionada para a recepção e circulação humana, enquanto a segunda é pontuada de aerogeradores, cujas hélices se movimentam sobre um "mar" de centeio, propositadamente instalado como estratégia de integração e recuperação do lugar.

Como exemplos de clareiras arborizadas, típicas das paisagens culturais mediterrânicas, na linha da tradição das praças, pátios ou terreiros arborizados com métricas de plantação regulares, surgem a Casa do Médico, o Cortinhal e a Cablinal (uma versão ainda mais depurada e sintética das anteriores). No pátio de videiros da Casa do Médico, a orla é desempenhada pelas unidades edificadas, aspecto que também se verifica na Cablinal, mas de uma forma menos explícita.

Distinguem-se, ainda, dois casos em que os espaços exteriores se desenvolvem sobre as próprias unidades edificadas, numa tentativa de maximizar a dimensão viva em zonas densamente impermeabilizadas; são os casos dos jardins de cobertura da Prelada, sobre garagens, e do jardim sobre cobertura do novo edifício da Assembleia da República.

Especial atenção foi também dispensada à utilização do património vegetal, nas suas dimensões biológica, sensorial, evolutiva e de

adaptação ao lugar, bem como à utilização de materiais inertes, duradouros e reutilizáveis.

Ao nível da vegetação, e de um modo geral, conceberam-se associações florísticas que integram espécies autóctones e espécies exóticas não invasoras e de boa compatibilidade ecológica com o local, as quais têm vindo a demonstrar um bom desempenho, sobretudo ao nível do ecossistema urbano.

Houve sempre a preocupação de integrar na composição da estrutura verde algumas árvores resistentes e de crescimento rápido, de modo a obter uma estrutura arbórea expressiva no mínimo intervalo de tempo, à qual se juntou a estratégia de, em alguns casos, recorrer a elevadas densidades de plantação – choupos negros, plátanos, casuarinas, videiros, eucaliptos. Foram, também, muito utilizadas plantas características ao nível da forma, da cor e da textura das folhas e/ou do tronco – choupos negros, pinheiros mansos, ciprestes, videiros, zimbrós tapizantes, fórmios, couves de N.ª Senhora, lírios, heras e festucas cinzentas. Em termos de flor, importa referir as magnólias de folha caduca, as azáleas, os loendros e os malmequeres, os agapantos e a lantana rasteira. Ao nível das espécies das associações florísticas portuguesas, as mais utilizadas foram o medronheiro, o loureiro, o alecrim, o pinheiro manso, a hera, o acanto e a pervinca.

Importa também destacar a resolução de situações difíceis, como



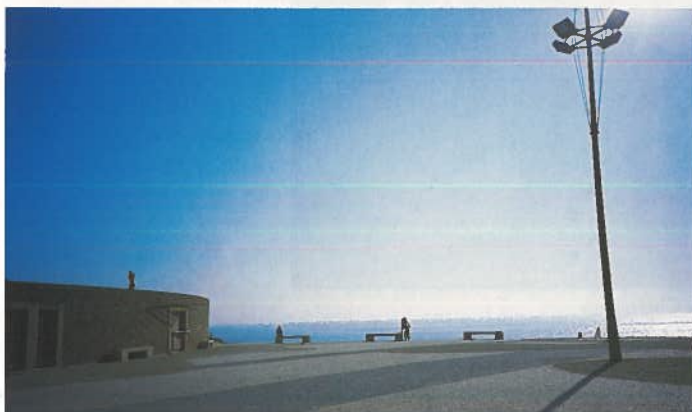
*Jardim sobre cobertura
do novo edifício da Assembleia
da República, Lisboa
(projecto de 1997);
autoria: Laura Roldão Costa*

*Jardim privado, Porto (projecto de 1996);
autoria: Paulo Farinha Marques,
com colaboração de Alcide Gonçalves*





*Jardim do Cortinhal, Fão, Esposende
(projecto de 1998); autoria: Laura Roldão Costa,
com colaboração de Catarina Antunes*



*Praça da praia de Ofir, Fão, Esposende
(projecto de 1998); autoria: Laura Roldão Costa*



*Jardim dos Ronfos, Maia (projecto de 1999);
autoria: Laura Roldão Costa*

a instalação de estruturas verdes em zonas sem solo, com solos perturbados ou zonas de declive muito acentuado. Um exemplo disso são os prados de Sãche-Aldoar, os quais foram instalados a partir de sementeira de trevo branco, em solos cheios de entulhos, nos quais o dono da obra não procedeu a qualquer melhoramento, para além de uma regularização superficial; estes prados mostraram um sucesso adaptativo espantoso, criando rapidamente condições para a colonização por outras espécies leguminosas e gramíneas, passando a ter o aspecto de um regular relvado urbano.

Em relação aos materiais inertes, recorreu-se sobretudo a granito, calcário, areão, gravilha, seixo e pontualmente saibro, procurando-se explorar padrões contemporâneos e de inspiração pop nos pavimentos pedonais.

Para quem fez este percurso, fica a certeza que o espaço exterior e a paisagem exigem um conhecimento e uma expressão próprios. É uma convicção para a construção de um território de espaços livres, abertos, permeáveis, plenos de vida para todos e por causa de todos. A manifestação de uma forma de arte viva, múltipla... mas ainda demasiado à parte. 

** Professor auxiliar (UTAD)*

Agradeço a todos aqueles que de algum modo ajudaram ou partilharam este percurso, sobretudo aos arquitectos paisagistas Teresa Portela Marques, Laura Roldão e Costa, Dulce Gonçalves, Maria João Dias Costa, Cristina Marques, Ana Albuquerque, Paula Antunes, Alcide Gonçalves, Catarina Antunes, Nuno Garcia, Célia Peralta, Nuno Viterbo, Rui Pedro Gonçalves, Margarida Almeida Santos e Ana Lúcia Mateus; aos técnicos Luísa Inverneiro, Isabel Silva Pinto, Patrícia Vieira, Hans Kampen, Renata Amaral e Maria do Céu Lira; aos mestres Manuel Sousa da Câmara, José Marques Moreira, Teresa Andresen, Edgar Sampaio Fontes e Elias Gonçalves.

SE PROCURA BONS RENDIMENTOS,
TODOS OS CAMINHOS
VÃO DAR À **CONTA MG 24.**



 **Chave24+**
 **Net24**
 **Phone24**
808 20 20 24

CONTA MG 24. A PRAZO E SEMPRE ÀS ORDENS.

A qualquer hora do dia ou da noite, todos os caminhos vão dar à **Conta MG 24**. Por telefone, internet ou através dos Caixas Automáticos Chave24+ pode abrir a sua conta, efectuar movimentos e consultas sempre que desejar, beneficiando de um rendimento elevado.

Pode constituir a **Conta MG 24** pelo número de dias que pretender, num mínimo de 30 e máximo de 180, sendo a conta automaticamente renovável, pelo prazo escolhido. Se procura aliar rendimento e flexibilidade, a **Conta MG 24** é o caminho certo.

www.montepiogeral.pt



MONTEPIO GERAL

HÁ VALORES QUE DURAM SEMPRE